

PEÇA DE ARQUITETURA

SIMBOLISMO DA INICIAÇÃO AO GRAU DE COMPANHEIRO

Grau de Companheiro Maçom
Ir∴ André Alves

RESUMO

A evolução humana corresponde ao processo de mudanças que originou os seres humanos e os diferenciou como uma espécie.

As características próprias da espécie humana foram construídas ao longo de milhares de anos, com a evolução dos primatas. Charles Darwin foi o primeiro a propor a relação de parentesco da espécie humana com os grandes macacos, os antropoides.

Muitos anos se passaram, e durante todo esse período, ficou evidente que a evolução da nossa sociedade foi e está sendo, fruto do desenvolvimento pessoal, ou seja, fruto de um processo de aprendizado contínuo e gradual com impacto na coletividade. Quando falamos em desenvolvimento social, econômico e cultural, estamos falando no investimento que cada um deve fazer em si mesmo para melhorar o mundo em que vivemos, se capacitando, aprendendo a lidar com diversas situações e etc. O desenvolvimento social está diretamente ligado a evolução humana, que passa por uma melhor qualidade de vida, aumento das capacidades individuais e realização de metas pessoais e profissionais.

O desenvolvimento pessoal abrange diversas áreas do conhecimento e desafia todas as nossas capacidades e inteligências. É correto afirmar que se tornar uma pessoa melhor consome muito da nossa energia e do nosso tempo, mas também é importante ressaltar que a evolução da sociedade e do mundo que vivemos depende do quanto nos importamos com o nosso crescimento pessoal, intelectual e espiritual.

Nem sempre, é o conhecimento, o eixo norteador das melhorias e da evolução. O conhecimento noz traz uma base sólida para nossas tomadas de decisão, mas não nos traz a certeza e tão pouco a garantia do acerto ou da verdade. Muitas vezes, o conhecimento é construído com base nas reações dos seres humanos às incertezas sobre suas experiências pessoais, familiares e em sociedade.

Uma grande aliada nesse processo de evolução pessoal e social, é a Maçonaria, instituição essencialmente filosófica, filantrópica, educativa e progressista, formada por homens livres e de bons costumes, com participação destacada nos grandes acontecimentos mundiais.

Para aqueles que se destacam no mundo, a Maçonaria, passa a ser, mais uma oportunidade de crescimento e evolução, avançando pelos diversos graus através de muito estudo e assimilação da Simbologia Maçônica e dos fundamentos que norteiam a Ordem.

DESENVOLVIMENTO

Quando ainda crianças, somos ensinados que buscar conhecimento é sempre o melhor caminho para traçar boas escolhas. Seja durante a escola, seja durante nossas vivências pessoais e, mais para a frente, na vida profissional, estamos constantemente aprendendo lições que influenciam diretamente em nossas vidas. Essas experiências – tanto as boas como as ruins – moldam o nosso crescimento pessoal e influenciam na melhoria social.

O autoconhecimento nos ajuda a compreender melhor quem realmente é, por meio de vivências, qualidades e até mesmo bloqueios e limitações. Você começa a perceber como todos esses pontos também influenciam na sua vida pessoal e profissional.

Quanto mais experiências adquirimos ao longo dos anos, mais seremos moldados por elas. Portanto, o crescimento pessoal nunca deixa de evoluir: ele é formado não apenas pelo caminho que já percorremos até aqui, mas principalmente pelo que ainda nos espera.

Somos frutos das nossas derrotas e das nossas vitórias, sentir-se frustrado e desmotivado em algum momento da vida é completamente normal. O que diferencia as pessoas é a forma com que cada uma delas lida com suas dores, pois a partir delas também evoluímos.

Dentro desse contexto, a evolução da sociedade e do mundo que vivemos é fruto da nossa evolução, do nosso crescimento e da nossa capacidade de aprender para superar desafios. É inegável, que algumas pessoas se destacam enquanto outras passam desapercebidas nessa batalha diária de tornar o nosso mundo um lugar melhor para se viver.

Mesmo assim, não seria correto afirmar, que todas as pessoas estão engajadas no mesmo propósito ou alinhadas com o mesmo ideal. Nesse momento, nosso instinto de sobrevivência aprimora nossos sentidos e buscamos outras pessoas com a mesma disposição e propósitos, organizando estruturas em grupos menores, mais fortes e descentralizados.

A Maçonaria, como instituição, possibilita condições para que seus integrantes identifiquem no mundo profano, homens livres e de bons costumes que possam ingressar na Ordem e contribuir para sua própria evolução, para a evolução da Loja, da Maçonaria e do Mundo.

Ingressar na Maçonaria, representa para aquele que será iniciado, não só o reconhecimento de uma vida e a valorização de suas virtudes, como também, o início de um novo ciclo e a introdução em um novo mundo. Por mais bem-sucedido que seja o iniciado no mundo profano, uma de suas maiores virtudes ao ingressar no mundo maçônico será a humildade para reconhecer suas limitações, compreender a simbologia e evoluir na Maçonaria.

Como o foco desta peça de arquitetura está centrado no simbolismo da iniciação ao grau de companheiro, darei ênfase sobre a importância do simbolismo, pois torna-se praticamente impossível referir-se a Ordem Maçônica, sem aludir aos símbolos que a representam e àqueles utilizados no processo de repasse de sua doutrina e ensinamentos. O simbolismo constitui os fundamentos da nossa Ordem, legado que recebemos de nossos antecessores e que continua sendo a maneira mais eficaz de transmitir nosso pensamento e nossa filosofia de vida.

Cada vez que se analisa um símbolo referente à Maçonaria, esta análise por mais que seja baseada em outras tantas já publicadas, será normalmente original. A visão que se possui sobre um símbolo é sempre pessoal e intransferível. São estas múltiplas visões que dão a Ordem Maçônica o caráter dinâmico e de adaptação aos novos tempos e as novas ideias que constantemente surgem.

Importante ressaltar, que essa visão, essa interpretação da Simbologia Maçônica se apresenta de forma subjetiva, ou seja, inerente aos filtros que cada sujeito utiliza para analisa-la. Mesmo assim, não podemos e não devemos aceitar desvios que possam confundir e desviar nossos Irmãos, devemos sim, capacitar cada um dos nossos Irmãos com os filtros corretos para

que possam identificar, analisar e compreender cada símbolo maçônico que esteja alinhado com o seu grau de evolução na Maçonaria de acordo com a estrutura de gestão proposta pelo Venerável Mestre.

É correto também afirmar, que teremos momentos onde distintas interpretações serão apresentadas para o mesmo símbolo. Para trazer luz para essa situação, posso de forma muito respeitosa, comparar a Maçonaria a uma corrida, corrida essa onde alguns estão apenas iniciando e outros já estão quase na linha de chegada, ou seja, cada indivíduo, sob a influência de uma determinada variante enxergará o cenário em que está analisando de acordo com os seus filtros, um dirá que está passando por uma ponte, outro dirá que está em um campo, ambos estão certos, porém, cada qual conhece apenas uma parcela daquilo que é verdadeiro. Essa pode ser a grande beleza da Maçonaria, uma corrida que não é para todos, uma corrida onde cada um ao seu ritmo e superando os seus obstáculos, avança na direção cada vez mais próxima de sua pedra cúbica, subindo na Escada de Jacó.

Essa amplitude da compreensão sobre a interpretação alheia, não pode tornar as distorções uma realidade aceita na Ordem. Na Alegoria da Caverna, apresentada pelo filosofo grego Platão em uma de suas obras mais importantes, A República, seria parte de um diálogo entre Glauco, o irmão de Platão, e Sócrates, o mentor de Platão, narrada pelo próprio Sócrates. Quando relacionada com o capítulo que a sucede, Analogia da Linha Dividida, e com o capítulo que a antecede, Analogia do Sol, a Alegoria da Caverna é entendida como tratando da percepção do mundo a nossa volta.

Por sua própria vontade e capacidade, o filósofo procura compreender a verdade por trás das aparências imediatas, tornando-se sábio neste processo, ao mesmo tempo, busca ajudar os outros humanos a alcançarem a verdade e sabedoria. Assim como aquele que olha para o fogo pela primeira vez, este é um processo doloroso, que exige dedicação e capacidade, pois a realidade olhada com mais proximidade pareceria menos clara a princípio, por estar este acostumado a ver apenas sombras. Desta forma, assim como quem passa das sombras à luz, o processo de aquisição de sabedoria é gradativo e muitas vezes lento e doloroso.

Para Platão, a caverna simbolizava o mundo onde todos os seres humanos vivem, bem como as coisas materiais. É possível destacar ainda nas entrelinhas, que ficar dentro da caverna é mais fácil, pois olhar para a luz do sol e se habituar ao mundo superior traz desconforto. Platão descreve a importância do senso crítico e da razão para que os indivíduos possam se “libertar das correntes” e buscar o conhecimento verdadeiro, representado pelo mundo exterior à caverna.

Para nós, maçons, interessa buscar em cada símbolo o seu sentido maçônico, aquele sentido que pode nos levar ao aperfeiçoamento moral e ético, que nos ajude a enxergar as irregularidades da Pedra Bruta que somos e acessar a luz da verdade.

Faço alusão a Alegoria da Caverna em minha Peça de Arquitetura, pois no início da minha vida maçônica, tive muita dificuldade de compreender e aceitar muitos conceitos que eu, prematuramente adquiri no mundo profano através de “sombras vistas em uma caverna”. Levei muito tempo para me livrar das correntes que me prenderam a conceitos distorcidos e aceitar que o desconforto da luz do sol em minhas vistas, na verdade, era a oportunidade de ascender em um mundo superior.

Meus conceitos equivocados sobre a Maçonaria e os Maçons, proporcionaram no meu imaginário um mundo de conto de fadas, com pessoas perfeitas e um pote de moedas de ouro no final do arco-íris. Tudo isso, atrasou minha evolução maçônica, me afastou do convívio dos Irmãos e da tão sonhada luz da verdade.

Hoje eu percebo facilmente que não estava pronto para o desafio que me havia sido apresentado pelo meu padrinho. Não se tratava de um convite, mas sim de um pacto, um pacto de confiança, devoção e lealdade. Hoje eu posso, com muita convicção, afirmar que da minha

parte faltou confiança, devoção e lealdade, tanto com o meu padrinho, como também com meus Irmãos, com nossa Loja e com a Ordem. Afirmo isso com muita tranquilidade, pois quis o destino que meu padrinho mais uma vez assumisse a Venerabilidade da nossa Loja, e com isso, leal e devotado Irmão que é, não desistiu desse Irmão, oferecendo-me mais uma oportunidade.

Por mais que pareça, gostaria de afirmar que não estou fugindo do tema proposto para essa Peça de Arquitetura, talvez meu depoimento tenha trazido um ar de informalidade para esse trabalho acadêmico, mas se fez necessário destacar um pouco da minha trajetória pessoal na Maçonaria, para trazer abaixo, uma visão mais técnica sobre o tema proposto: simbolismo da iniciação ao grau de companheiro.

Meu ingresso na Maçonaria se deu por convite e não tenho dúvidas, que o convite a mim realizado se deu pela proximidade com meu padrinho e pelo meu histórico de vida no mundo profano. Tive a sorte de me destacar no mundo profano e em minha iniciação na Maçonaria no Grau de Aprendiz tive que esclarecer minhas ideias sobre o vício e a virtude.

Era só o início, ainda faltava vencer minhas paixões e submeter minha vontade para progredir na Maçonaria. Meu progresso foi avaliado por alguns indicadores tangíveis, como: presença nas sessões, apresentação de três Peças de Arquitetura, estar em dia com minhas obrigações financeiras, auxiliar nos ágapes e etc.

O tempo passou e aparentemente cumpri não só as minhas tarefas como Aprendiz, como também o período de aprendido sobre o significado da posição vertical ou perpendicular, ou seja, a reta que ascende para o reino dos céus, que me proporciona condições para me tornar um ser humano hígido, de pé e ativo. A perpendicular tem sua representação no prumo, que é a joia do segundo vigilante e é a medida de retidão. Estar a prumo significa estar de forma correta e precisa em qualquer posição na vida, quer familiar, quer profissional ou ainda fraternal.

Depois de passar pelo telhamento, eu estaria tecnicamente pronto para ser elevado ao Grau de Companheiro. Eu utilizei o termo tecnicamente, pois superei com êxito todos os desafios que me foram impostos, cumpri com todos os requisitos, mas não estava com todas as dimensões humanas, intelectuais e espirituais alinhadas para subir um degrau na Escada de Jacó.

Como Aprendiz Maçom, reafirmo que conclui meu tempo no estágio que me foi proposto, estudando e absorvendo os ensinamentos de todos os símbolos que encontrava dentro do Templo, contudo percebi que, para ser elevado para o 2º Grau, minhas dúvidas e incertezas sobre o 1º Grau poderiam atrapalhar na minha evolução quando em contato com novos símbolos e novas interpretações.

Decidi então, revisar mais uma vez minhas Peças de Arquiteturas de Aprendiz e estudar um pouco mais o Manual de Aprendiz. Me arrependo até de hoje do que fiz. Gerei dúvidas desnecessárias, desacreditei do modelo imposto, duvidei da minha capacidade e coloquei em cheque a credibilidade dos meus Irmãos, pois a todo tempo eu me questionava: O que eles querem de mim?

Mesmo sem obter a resposta para a pergunta acima, decidi encarar mais esse desafio e ser elevado ao Segunda Grau. No entanto, antes da minha sessão de elevação, fiz algumas pesquisas sobre o Grau de Companheiro e descobri que no Rito Escocês Antigo e Aceito existem os Graus Simbólicos e os Graus Filosóficos, mas por hora, vou me concentrar no tema e focar nos Graus Simbólicos, que são três: Aprendiz, Companheiro e Mestre.

Na verdade, vou aprofundar essa pesquisa no que realmente interessa para o tema proposto, ou seja, no segundo grau do Rito Escocês Antigo e Aceito, o Grau de Companheiro, que tem como objetivo o estudo das Ciências Naturais, da Cosmologia, da Astronomia, da Filosofia, da História e a investigação da origem de todas as causas de todas as coisas.

O Grau de Companheiro deve considerado como a continuação do seu caminho em busca da perfeição iniciada com o ingresso no Grau de Aprendiz. O Companheiro deverá dedicar-

se também ao estudo dos símbolos, como fez no 1º Grau. Esse caminho de evolução o tornará um homem mais útil na sociedade, estando a serviço da humanidade para semear bem-estar através do trabalho, da ciência e da virtude.

Na Maçonaria Simbólica, o Companheiro pode ser considerado como o elo de equilíbrio ou o laço de união, entre o Aprendiz e o Mestre, assumindo posição relevante para ele o estudo. Ao final dessa longa jornada, o Companheiro, paciente e constante, terá sua fidelidade e dedicação premiada com mais um aumento de salário sendo Exaltado a Mestre Maçom.

Retornamos novamente para o simbolismo, só que agora, da Elevação ao Grau de Companheiro, ponto focal desta Peça de Arquitetura. De início, pensei em dar uma abordagem pessoal para o tema, buscando na minha memória e nos meus sentimentos, informações que me permitissem retratar a minha Cerimônia de Elevação, mas infelizmente não foi possível. A complexidade do simbolismo da elevação aliada as incertezas e a minha insegurança no momento da minha elevação, me causaram "apagões de memória, que me fizeram buscar na literatura uma abordagem teoricamente mais apropriada.

Com intuito de proporcionar uma leitura mais agradável e dinâmica, vou concentrar minha abordagem na conceituação simbólica do ritual das viagens. No ritual de elevação, o candidato é informado pelo Venerável que irá passar do número três ao número cinco e, para tal, deverá realizar cinco viagens, em alusão aos cinco anos de trabalhos e de estudos, que era, primitivamente, a exigência para que os obreiros aspirassem à ascensão dentro da Ordem. Estamos começando, ao menos simbolicamente, a nos libertar das paixões, erros e vícios e passando de Aprendizes a Companheiros, deixamos o três para aprendermos o cinco.

Como rito desta passagem, empreendemos cinco viagens, circulando por cinco vezes o Templo, do Ocidente para a Luz do Oriente e retornando sempre ao Ocidente. A cada etapa nos são apresentados, diferentes instrumentos e cada vez que retornamos ao ponto de partida nos elevamos a um plano superior.

Importante destacar que antes das viagens, o Aprendiz ingressa no Templo portando a Régua de Vinte e Quatro Polegadas, instrumento de trabalho do Companheiro no Rito Escocês Antigo e Aceito, enquanto que quase oculta a Régua lisa (sem graduação) que seria a do Aprendiz, fato que anda praticamente esquecido, raramente comentado na atualidade. Na interpretação do Rito Escocês a Régua graduada para o Companheiro dotado simbolicamente de mais compreensão, é um símbolo do tempo, nem tanto na relação do tempo diário, porém com o que se faz a cada dia no longo da vida. Já na interpretação inglesa a graduação envolve também o Aprendiz, cuja lição principal é a de dosar o tempo diário – tempo do trabalho, tempo do descanso e o tempo da oração (agradecimento) sem cunho religioso dogmático.

Outro ponto que merece destaque antes do início das viagens, é o fato de que o Companheiro, diferente do Aprendiz, ingressa no Templo sem usar a venda em seus olhos, pois o irmão já conhece a verdade e sua vista já suporta a força da luz dentro do templo.

Dando prosseguimento, abordaremos abaixo, de forma minuciosa, cada uma das 5 (cinco) viagens:

PRIMEIRA VIAGEM:

Na primeira viagem a régua é substituída pelo maço e cinzel, depois disso o Irmão Experto toma a mão direita do candidato, e circula no espaço entre as Colunas do Norte para o Sul, passando-se, depois, entre colunas e à ordem, sem fazer qualquer sinal, a não ser inclinar ligeiramente a cabeça em sinal de respeito ao Venerável.

Significado dessa viagem, nas palavras do Venerável Mestre: esta primeira viagem simboliza o período de um ano, que o Companheiro deve empregar em aperfeiçoar-se na prática de cortar e lavrar a Pedra Bruta que aprendeu a desbastar, quando Aprendiz, com o maço e o

Cinzel. Por muito perfeito que seja o Aprendiz, lembrai-vos que sozinho não pode terminar a sua obra, não se desviando do que pelos Mestres lhe foi traçado.

Ferramentas: Maço e Cinzel. O maço representa à vontade, a razão e a equidade, o bem julgar e o bem decidir. O cinzel o livre arbítrio, a educação e a influência do intelecto. Sendo instrumentos complementares, só funcionam em conjunto, são usados para desbastar a Pedra Bruta, a qual fará parte do alicerce da futura construção. Esta viagem nos alerta para os cinco sentidos que são nossas janelas para o mundo físico e nos permitem vivenciá-lo.

Simbolismo do Maço e do Cinzel:

Maço - Espécie de martelo, de maiores proporções, servindo para construir ou para destruir. Maçonicamente, o maço é a ampliação do malhete, instrumento empunhado pelo Venerável Mestre e pelos Vigilante, representando a força e vigor. O maço sugere duas situações, uma ativa, outra passiva; a ativa é quando bate, e passiva quando o objeto batido sofre o choque

Cinzel - Instrumento do grau de Aprendiz, que, com o malho, serve para desbastar simbolicamente a pedra bruta (um emblema da personalidade não educada e polida). Representa o intelecto.

SEGUNDA VIAGEM:

Na segunda viagem a régua e o compasso substituem o maço e o cinzel, o trajeto é o mesmo da primeira, terminando entre colunas, sem passar pelo oriente ou ter paradas.

Significado dessa viagem, nas palavras do Venerável Mestre: esta segunda viagem nada mais é do que o símbolo do segundo ano, no qual o Aprendiz deve adquirir os elementos práticos da Maçonaria, isto é, a arte de traçar linhas sobre materiais desbastados e aplainados, o que só se consegue com a Régua e o Compasso.

Ferramentas: Régua e o Compasso. A régua simboliza o método, a lei e a retidão de caráter. O compasso representa o infinito, pelos infinitos círculos que pode traçar. É o relativo e o absoluto coexistindo em um único símbolo. Com estes dois instrumentos podemos desenhar qualquer figura geométrica e praticando os valores intrínsecos destes símbolos, projetar qualquer planta da Arquitetura Maçônica.

Simbolismo da Régua e do Compasso:

A Inter-relação entre a régua e o compasso é simbolicamente explicada pela função geométrica dos dois instrumentos. A régua é utilizada para traçar linhas retas que significam a retidão e inflexibilidade do direito e da lei moral. Simbolicamente, ainda a este conceito, opor-se-ia a relatividade do círculo, resultado característico do traçado do compasso, simbolizando a realidade ágil e perene, com a curvatura relativa a cada um de nós. Como somos limitados, devemos nos apoiar na régua para balizar nossa conduta reta, porém sem perder o senso de realidade a que muitas vezes temos que nos render.

TERCEIRA VIAGEM:

Para a terceira viagem conserva-se a régua e recebe-se a alavanca, a viagem é igual às anteriores, não passa pelo oriente e não tem paradas.

Significado dessa viagem, nas palavras do Venerável Mestre: esta terceira viagem está relacionada com a matéria e simboliza o terceiro ano de estudo, no qual se confia ao Aprendiz a direção, transporte, colocação dos materiais trabalhados, o que se alcança com a Régua e a Alavanca. Nesta viagem nos são apresentadas as artes liberais. A gramática, a retórica e a lógica permitem que nos comuniquemos, transformando a fala em verdadeira arte. A aritmética nos permite a arte de contar, a geometria a de medir, a astronomia a de conhecermos o Universo e finalmente a música que sendo também matemática, nos permite alcançar altos níveis de

contato com as esferas superiores. Em conjunto nos permitem a vivência e o conhecimento plenos do mundo exterior e nos abrem as portas para o mundo interior

Ferramentas: a Régua e a Alavanca. A Alavanca simboliza resistência, potência para regular e dominar a inércia dos instintos e a fé que move montanhas. A Régua deve acompanhar sempre a Alavanca, pois sem a retidão e a moral seus efeitos poderiam ser desastrosos.

Simbolismo da Alavanca:

A Alavanca é um instrumento utilizado que representa força. Seu formato deixa claro que seu emprego em um ponto de apoio, possibilita que um peso enorme seja erguido sob a simples pressão muscular de um braço.

Podemos trazer essa simbologia para as nossas vidas, pois quando nos depararmos com algum obstáculo a ser removido e que expressa um esforço impossível, o maçom deve evocar a alavanca e buscar esse "ponto de apoio".

A lição da alavanca é que não há peso que não possa ser removido e, assim, os obstáculos serão removidos, embora ultrapassados, pois a alavanca apenas suspende e, desequilibrando o peso, faz com que este se mova.

Cabe ainda uma reflexão sobre a importância do "ponto de apoio", pois é quem suporta todo o peso do obstáculo e, assim, revela-se a parte mais relevante desse processo. Numa fraternidade, cada irmão constitui um "ponto de apoio", que unidos representam a alavanca, devemos aprender a usar esse poder que só a maçonaria propicia.

QUARTA VIAGEM:

A quarta viagem tem seu início com a substituição da alavanca pelo Esquadro e a manutenção da Régua de 24 Polegadas, o trajeto é igual as anteriores, não passando pelo oriente e sem paradas.

Significado dessa viagem, nas palavras do Venerável Mestre: simboliza o quarto ano de um Aprendiz, no qual ele deve ocupar-se, principalmente, na construção do edifício, na direção de seu todo, verificando a colocação dos materiais reunidos dando continuidade da obra do Grande Arquiteto do Universo. Esse conhecimento nos traduz que com a aplicação do zelo e da inteligência mostrada no trabalho constante, comedido e aprimorado pode nos permitir orientar nossos Irmãos menos instruídos.

Ferramentas: a Régua e o Esquadro. O Esquadro símbolo da equidade, retidão, justiça e disciplina, o esquadro é a soma do nível com o prumo. Seria impossível formatar nossa Pedra Cúbica sem seu auxílio.

Simbolismo do Esquadro:

O Esquadro é um instrumento imprescindível na construção, caso não seja utilizado, o resultado será uma obra torcida, sem equilíbrio e pronta para ruir. Somente quem souber esquadrejar poderá transformar a pedra bruta em pedra angular e devidamente desbastada, visando sua transformação em pedra de adorno na construção.

Este instrumento que forma um ângulo reto nos ensina a retidão de nossas ações, tudo está na dependência da retidão, tanto na horizontalidade como na verticalidade.

Seguindo-se as hastes do esquadro, teremos dois caminhos que vão se afastando, quando mais distantes seguirem; isso nos ensinará que se nossa vida for pautada de forma correta, encontraremos o caminho da verticalidade espiritual e o da horizontalidade material.

QUINTA VIAGEM:

Esta Quinta Viagem tem o mesmo sentido horário, conforme o rito de circunvolução. Sem ferramentas, demonstrando o perfeito desenvolvimento das faculdades internas já enumeradas. Chegou o momento de o Aprendiz largar o plano do Nível, da horizontalidade humana e partir para um plano mais elevado, o plano do Prumo, da verticalidade, ou seja, já

construiu a base, agora é preciso construir as paredes do seu templo e prepará-lo para ornamentação que virá a seu tempo. Ao final da quinta viagem, o Aprendiz tem uma espada apontada contra o seu peito, simbolizando a proteção do Anjo da Guarda para o Homem que, expulso do Éden precisa defender-se do mal que existe no mundo externo, proibindo que esse mal ingresse no seu Templo interior.

Significado dessa viagem, nas palavras do Venerável Mestre: esta quinta viagem mostra que o Aprendiz suficientemente instruído nas práticas manuais, deve, durante o quinto e último ano, aplicar-se ao estudo teórico. Meu Irmão, não basta estar no caminho da Virtude, para nela nos conservamos; para chegarmos a Perfeição, são necessários muitos esforços. Segui, pois o objetivo traçado e tornai-vos digno de conhecer os altos trabalhos maçônicos.

CONCLUSÃO

Ao término desta Peça de Arquitetura, podemos concluir que a Maçonaria, desde o momento de sua criação até os dias atuais, sempre esteve presente e participativa nos processos de evolução e crescimento das pessoas e da sociedade. Vivemos em uma sociedade do aprendizado e a Maçonaria, como um Templo de estudos, utiliza a capacidade de cada Irmão para contribuir com o desenvolvimento humano e social na construção de um mundo cada vez melhor.

A Maçonaria é uma instituição essencialmente filosófica e não uma religião, o que proporciona a participação de homens de todos os credos, que se dedicam no estudo de sua riquíssima variedade simbólica. Esse estudo, gera a construção de um conhecimento sólido, que ao ser apropriado por um Irmão, deixa este capacitado com as armas da verdade para a prática da justiça.

Uma das certezas construídas através de muito estudo ao longo dessa curta trajetória em minha vida Maçônica, foi a de que nem todos os Irmãos assimilam de maneira semelhante as mensagens da Simbologia Maçônica. Geralmente, podemos creditar esse fato ao Grau de evolução de cada Irmão ou a superficialidade com que nos dedicamos aos estudos da Simbologia Maçônica.

O avanço pelos diversos graus, portanto não deve ser considerado pelo tempo que está sendo empregado, não devem ser conduzidos pela pressa, o que deve ser levado em conta é o esforço individual e o desprendimento pessoal de cada Maçom, conforme o seu potencial e capacidades para poder galgar com segurança e sabedoria os degraus da Escada de Jacó.

Para viver na essência, esse momento tão rico e profundo na Maçonaria, que é a elevação ao Grau de Companheiro, é preciso estar pronto, com a mente aberta e o coração puro, para as cinco viagens, sendo quatro de estudos e uma de contemplação.

Diferente das viagens que o Maçom realiza para sua iniciação, na elevação ao grau de Companheiro as viagens não possuem obstáculo físicos, somente do tipo operativo intelectual procurando a conquista das disciplinas cerebrais.

O Progresso do Companheiro depende sempre de sua crescente capacidade de interpretar os elementos fundamentais do simbolismo. Lembrar diariamente que cada grau é uma melhor, mais iluminada e profunda compreensão das doutrinas da moral maçônica.

Referência

ASLAN, Nicola. Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia. Editora Maçônica “A TROLHA” ltda. Volume I, Londrina, 2003.

ASLAN, Nicola. Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia. Editora Maçônica “A TROLHA” ltda. Volume II, Londrina, 2000.

ASLAN, Nicola. Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia. Editora Maçônica “A TROLHA” ltda. Volume III, Londrina, 2000.
BECKER, Udo. Dicionário de símbolos. Editora Paulos. 2º Edição, São Paulo, 1999.
CAMINO, R - Breviário Maçônico - Para o dia-a-dia do Maçom - Madras Editora Ltda. São Paulo, 1999.
CAMPANHA, Luiz Roberto – A Filosofia e a Análise dos Símbolos. In: Caderno de Pesquisas 20. Londrina: A Trolha, 2003. p.33-40
CASTEZLLANI, J. Liturgia e Ritualística do Grau de Companheiro Maçom (em todos os Ritos)
A Gazeta Maçônica. S Significado dessa viagem - palavras do Ven.: - Paulo ,1987.
FIGUEREDO, J.G. - Dicionário de Maçonaria - Seus mistério, Seus ritos, Sua filosofia, Sua história. Editora Pensamento Ltda, São Paulo, 1996-97-98.
LACERDA, Rogerio. Tadeu de Oliveira; ENSSLIN, Leonardo; ENSSLIN, SandraRolim. Uma Análise Bibliométrica da literatura sobre Estratégia e Avaliaçãode Desempenho. Gestão & Produção [online]., v. 19, n.1, p. 59-78, 2012.
MACNULTY, W. Kirk. A Maçonaria: símbolos, segredos e significados. Ed. Martins Fontes. S. Paulo, 2007.
PINTO, Gilson da Silveira. Pérolas Maçônicas. Editora Maçônica “A TROLHA” ltda. Volume 2, Londrina, 1999.
PLATÃO. A República. (trad. Enrico Corvisieri) São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Col. Os Pensadores).
Ritual - Rito Escocês Antigo e Aceito - 2º Grau - Companheiro - Grande Oriente do Brasil – 2001